

O Tuiuti



2013 / Nº 95



Rafael Pinto Bandeira O Homem e a Lenda



O Tuiuti

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS – 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel – Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

Projeto Gráfico: Fabricio Gustavo Dillenburg - Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis
nucleomilitar@gmail.com

Capa:
Rafael Pinto Bandeira, aos 35 anos. Ilustração de autor desconhecido.

A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A AHIMTB/RESENDE – Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;
- A AHIMTB/Distrito Federal – Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;
- A AHIMTB/Rio de Janeiro – Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;
- A AHIMTB/Rio Grande do Sul – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis; e
- A AHIMTB/São Paulo – Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento. A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

Rafael Pinto Bandeira (1740-1795)

Cel Claudio Moreira Bento
Historiador Militar e Jornalista
Presidente da FAHIMTB
AHIMTB/Resende e do IHTRGS

Transcorreu, em 9 de janeiro de 2013, o 213º ano da morte do lendário e bravo gaúcho Rafael Pinto Bandeira, na Vila de Rio Grande, seu torrão natal. Ele foi o terceiro brasileiro a atingir o generalato no Exército de Portugal e o primeiro filho do Rio Grande do Sul a conquistar tal distinção. Dos 14 anos aos 54, de brilhante carreira de Soldado Dragão do Rio Grande a Brigadeiro Comandante da Legião de Cavalaria Ligeira, foi o 1º gaúcho a comandar todas as forças militares do Continente de São Pedro, o atual Rio Grande do Sul.

Pinto Bandeira distinguiu-se sobremodo na Guerra do Sul (1763-1777), em que os espanhóis, após duas invasões (1763 e 1774), chegaram a dominar cerca de dois terços do território do maior estado sulino.

Sua atuação, no comando das forças que conduziram a guerra de guerrilhas contra o invasor, ordenada pelo

governo no Rio de Janeiro, contribuiu decisivamente para definir, como brasileiro, o destino do seu torrão natal.

Foi ele o primeiro herói militar marcante da província meridional no decorrer do século XVIII, e sua trajetória foi seguida, entre outros, pelos generais José de Abreu e Manoel Luiz Osório, no século XIX. Até o presente, o Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira não mereceu a homenagem que o Brasil e, especialmente, o Rio Grande do Sul lhe devem, mercê dos seus méritos militares. O desenvolvimento de uma doutrina militar genuína “a guerra à gaúcha”, praticada na Região Sul, ao que se sabe até 1926, isto pelos revolucionários de 1924-1926.

Em que pese haver feito carreira no Exército Colonial do Brasil e a sua Legião de Cavalaria Ligeira haver sido absorvida pelo Exército Brasileiro em 1824, até hoje só o 8º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado do Exército (Porto Alegre) possui seu lendário e legendário nome como denominação histórica, por proposta nossa, que foi acolhida.

Foi ele, sem dúvida, a “maior espada continentina” do século XVIII. Foi um guerreiro de prodigiosa memória que conhecia todos os recantos do Continente (atual RS), descrevendo com exatidão todos os arroios e rios, a direção das serras, o rumo das estradas e encruzilhadas, quando ainda não se dispunha de mapas”. Homem lendário que *“mesmo em noites escuras e tormentosas jamais*

se desviava do caminho a seguir”. Ele foi personagem do romance O Tempo e o Vento, de Erico Veríssimo, que o imortalizou, circunstância que a TV Globo ampliou, ao levar parte da célebre trilogia referente a Rafael em duas novelas.

Rafael Pinto Bandeira nasceu no Presídio Jesus-Maria-José (atual cidade de Rio Grande), em 16 de dezembro de 1740, decorridos quase quatro anos da fundação portuguesa do Rio Grande do Sul, com o desembarque naquele local, em 17 de fevereiro de 1737, de uma expedição ao Era filho do Capitão Francisco Pinto Bandeira e de D. Clara Maria de Oliveira. O pai, lagunense, escolhido para comandar a 1ª Companhia do Regimento de Dragões do Rio Grande, organizada por Silva Paes após desembarcar, constituiu-se no primeiro comandante de uma tropa de Linha, denominação de um integrante do Exército na época, na área do atual Comando Militar do Sul. Rafael foi batizado no dia seguinte ao seu nascimento na modesta capela do Forte Jesus-Maria-José, próxima à Fortaleza de Santana e do Estreito que fechava o acesso terrestre ao Presídio do Forte, ainda incipiente. O pai de Rafael subcomandava as tropas de Ordenanças ao comando do Coronel de Ordenanças Cristóvão Pereira de Abreu, constituída de tropeiros e estancieiros estabelecidos, desde cerca de 1730, na região de Viamão.

Sua mãe migrara, com pais e irmãos, da Colônia do Sacramento para o nascente povoado de Rio Grande.

Era neta do Capitão-Mór de Laguna, Domingos de Brito Peixoto que, por sua vez, era bisavô de Rafael, pelo lado paterno. Rafael era neto de um português do Valongo, que chegou ao Brasil em 1696 e se estabeleceu na região de Mampituba, SC, com estância de bovinos e ovinos.

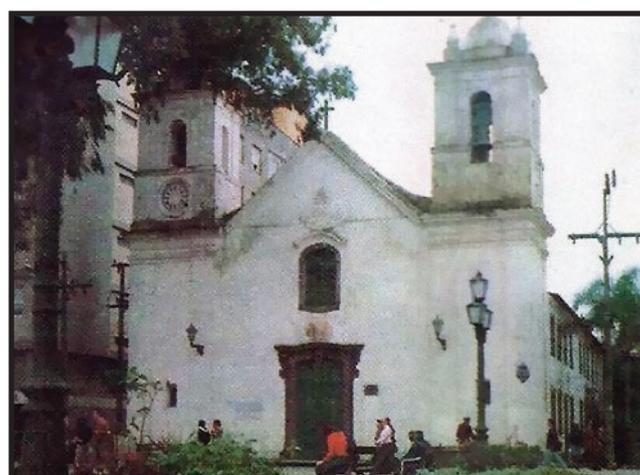
Foram padrinhos de Rafael o Coronel de Dragões Diogo Osório Cardoso, solteiro e Comandante do Regimento de Dragões do Rio Grande e Comandante Militar do Continente, subordinado ao Rio de Janeiro (5 de março de 1739 a 28 de junho de 1752). Sua madrinha foi sua tia, Eufrásia Maria, de 14 anos de idade.

Em 1741, Rafael mudou-se, com o pai, o Tenente de Dragões Francisco Pinto Bandeira, para Viamão. Seu pai fora cuidar da sesmaria recebida, em 15 de maio de 1740, na região atual de Sapucaia do Sul onde, em 1730 cuidava da sua ocupação com mais de 10 mil cabeças de gado (vacuns e equinos) e com benfeitorias constantes de casa, currais e lavoura. Rafael, aos 13 anos, acompanhou o pai ao Rio Pardo (atual), para fundar o Forte Jesus-Maria-José, no contexto da Guerra Guaranítica (1752-1756). Em Rio Pardo, Rafael sentou praça com 14 anos incompletos no Regimento de Dragões do Rio Grande. Ao comando do pai, com 21 anos teve seu batismo de fogo quando participou do combate de Monte Grande contra os espanhóis, próximo a Santa Maria (atual) em 2 de janeiro de 1762.

Os Dragões do Rio Pardo haviam se deslocado para fundar a Fortaleza

de Santa Tereza, no atual Uruguai, na iminência da invasão do General Pedro Ceballos, Governador de Buenos Aires, deixando um pugilo de Dragões em Rio Pardo para liderarem civis visando à condução de uma 'Guerra de Guerrilhas' contra os invasores castelhanos. Entre eles estavam os Dragões Francisco e Rafael, pai e filho.

Em 24 de abril de 1763, após invadido o Rio Grande, a Vila do Rio Grande, berço de Rafael, foi conquistada pelo general D. Pedro Ceballos. O domínio espanhol foi exercido por 13 anos.



Igreja São Pedro de Rio Grande, onde estão os restos de Pinto Bandeira.

GUERRA DE GUERRILHAS CONTRA O INVASOR E SUAS BASES

Aos Dragões Francisco e Rafael Pinto Bandeira, que permaneceram na área de Rio Pardo, coube a liderança da guerra de guerrilhas contra o invasor, assim definida, em 6 de junho de 1763, pela Junta Governativa no Rio de Janeiro, que

substituiu o falecido General Gomes Freire de Andrade:

"A guerra contra o invasor será feita com pequenas patrulhas atuando dispersas, localizadas em matas e nos passos dos rios e arroios. Destes locais sairão ao encontro dos invasores para surpreendê-los, causar-lhes baixas, arruinar-lhes gados, cavalhadas e suprimentos e ainda trazer-lhes a constante e persistente inquietação."

Os executores dessa guerrilha inicialmente foram o Capitão Francisco Bandeira (até 1772), com zona-de-ação ao norte do rio Camaquã, e seu filho, Tenente Rafael, ao sul do rio Camaquã. O papel relevante desempenhado por



Rafael Pinto Bandeira, em uniforme militar
(vide Bento, História do CM do Sul, p.37)

essas guerrilhas na definição do destino (brasileiro) do Rio Grande não tem sido abordado em toda a sua projeção e significação estratégica. Em 2 de janeiro de 1765, após 12 anos de serviços no Regimento de Dragões, já alferes, Rafael foi promovido a Tenente de Dragões da Companhia do Regimento dos Dragões, ao comando de seu pai.

Nessa época, fazia um ano que Rafael integrava a guarnição do Forte São Caetano do Estreito, acima de São José do Norte, ao comando do pai, forte que barrou a via de acesso São José do Norte (espanhol) — Viamão. Aí impediram o avanço espanhol até Porto Alegre e Viamão.

As bases dessas guerrilhas situavam-se em Encruzilhada do Duro (Coxilha do Fogo, em Canguçu), ao sul do rio Camaquã, ao comando de Rafael, e ao norte Guardas de Encruzilhada (Encruzilhada do Sul), ao comando de seu pai que, após falecer, em 1772, foi substituído pelo heróico paulista Cypriano Cardoso Barros Leme.

Ao assumir o governo do Rio Grande, o Coronel José Custódio de Sá e Faria implementou as guerrilhas para cobrir Rio Pardo face às seguintes direções: Missões-Rio Pardo; Bagé (atual)-Rio Pardo e Rio Grande (espanhol)-Rio Pardo. Para executar essas missões, foram destacados os Dragões Francisco e Rafael.

Em 28/29 de maio de 1766, houve um fracassado ataque a Rio Grande, compensado pela recuperação de São José do Norte (atual), há três anos em

poder da Espanha. Esses dois eventos tiveram negativa repercussão em Portugal e contrariaram o Marquês de Pombal, interessado no apoio da Espanha para pressionar o Papa e extinguir os jesuítas, acusados de colocarem por terra o Tratado de Madrid de 1750.

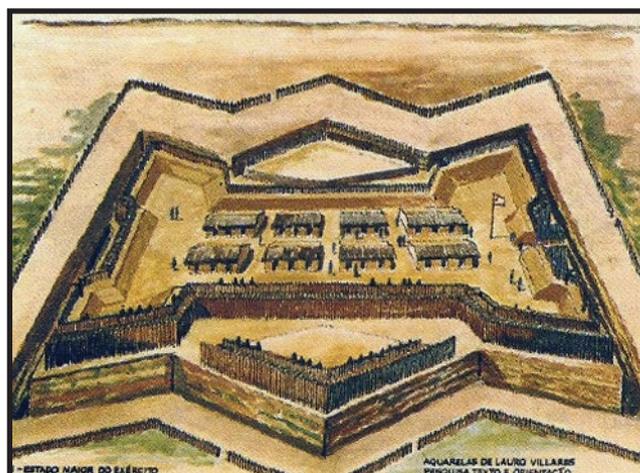
Passaram-se sete anos, período em que as guerrilhas, agora sob a liderança de Rafael, causaram imenso prejuízo aos espanhóis. Foi quando o governador, D. Vértiz y Salcedo, de Buenos Aires, invadiu o Rio Grande, pela campanha, em novembro de 1773, para neutralizar as guerrilhas portuguesas, as quais, segundo ele, em sua visão de inimigo, estavam lhe causando os seguintes prejuízos:

“Viamão, Rio Pardo, sul da Vila do Rio Grande e os sul do rio Jacuí (serras dos Tapes e Herval) têm sido refúgio de delinquentes que atuam nos campos de Montevideu, Maldonado, Soriano, Baças, Santa Fé, Correntes e Missões. Tudo com o fim de roubar cavalhadas das nossas estâncias do oeste dos rios da Prata, Uruguai e Paraná. Meus governados, atingidos por tão continuados e incessantes ações, sofrem os maiores prejuízos ao verem suas fazendas destruídas.”

Era a guerra de guerrilhas, a estratégia do “fraco contra o forte”, executada pelo Capitão de Dragões Rafael secundado por Cypriano Cardoso e um pugilo de bravos civis então estancieiros que, em maioria, chegaram ao Rio Grande em 1752 com o Exército Demarcador, como integrantes de Companhias de Aventureiros.

O NASCIMENTO DE UMA DOCTRINA MILITAR - A GUERRA À GAÚCHA -

A “guerra à gaúcha” consistia, basicamente, em retirar, dos possíveis caminhos de invasão ao Rio Grande, todo o gado vacum e cavalar e as instalações estancieiras espanholas, para que nelas os invasores não pudessem se apoiar, já que no Prata, um Exército caminhava à base do



Forte de Jesus Maria José em Rio Grande, RS, onde provavelmente Rafael tenha nascido em dezembro de 1740. (Fonte: BENTO, História da RM, vol. 1)

cavalo, como montaria, e do boi, como alimento autotransportável e tração de carretas com cargas mais pesadas.

A invasão de Vertiz y Salcedo foi batida por partes por Rafael, em Tabatingaí, em 10 de janeiro de 1774, e em Santa Bárbara, em 11 de janeiro de 1774. Estas derrotas obrigaram o mexicano D. Vertiz a retirar-se rápido para Rio Grande, deixando nele plantadas duas barreiras às incursões guerrilheiras, ou seja, além

da Fortaleza de Santa Tereza, mais a Fortaleza de Santa Tecla e o Forte de São Martinho.

O atual Passo da Armada, no rio Camaquã, entre Canguçu e Encruzilhada, leva esse nome pelas dificuldades encontradas pela Real Armada de Espanha (Exército de Vértiz y Salcedo) embaraçadas por Rafael. Nesse local, ele possuía uma estância.

Esta invasão repercutiu em Portugal, e o Marquês de Pombal decidiu, em

pelo Passo do Rosário; e Vila de Rio Grande — por barrar o acesso português pelo litoral ao Uruguai e poder servir de base de partida a ataques a Porto Alegre, Viamão e Laguna, por terra.

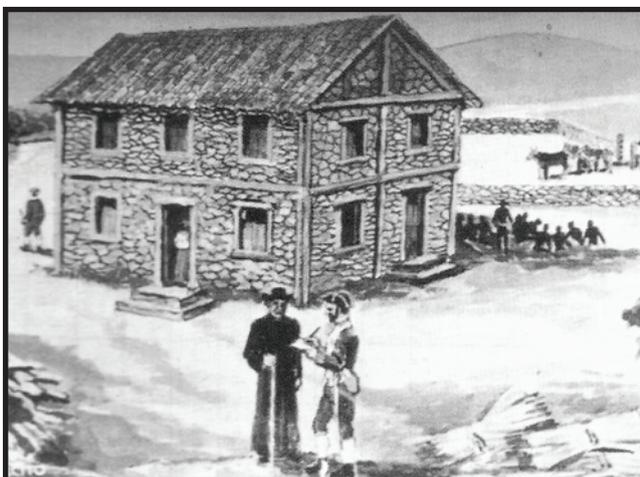
O Exército do Sul se concentrou em São José do Norte. Coube a execução das conquistas de São Martinho e Santa Tecla à liderança de Rafael, então major, comandando uma Companhia de Voluntários d'el Rei, criada em 1770.

EXPULSÃO DOS ESPANHÓIS DO RIO GRANDE

Rafael conquistou o Forte São Martinho, de surpresa, em 31 de outubro de 1775 e, em 5 de maio de 1776, liderou a expulsão dos espanhóis da Fortaleza de Santa Tecla, em Bagé, que a seguir foi arrasada. Por este feito, foi promovido a Coronel e criada a Legião da Tropa Ligeira do Continente, que seria absorvida pelo Exército após a Independência. Eis um trecho do ato oficial:

“Querendo nosso soberano dar-lhe (a Rafael) sinal de sua benevolência, há por bem elevá-lo a Coronel da Legião de Tropa Ligeira, privativa e composta de Aventureiros naturais do Rio Grande e de outros Territórios que jazem ao sul do Rio da Prata e ao ocidente até aonde vão os confins do Continente (atual RGS)...”

Comunicada a Portugal, a conquista foi entendida como tendo a tropa sitiante se alimentado de raízes, o



Alegoria da Real Feitoria do Linho-Cânhamo do Rincão do Canguçu 1783-89, transferida para São Leopoldo atual, por ordem de Rafael, por questões de Segurança.

1774, expulsar os espanhóis do Rio Grande, enviando para o local uma poderosa força, o Exército do Sul, ao comando do Tenente General Henrique Böhn, discípulo do Conde de Lippe, cujo esforço deveria ser conduzido sobre três pontos fortes espanhóis: Forte São Martinho — por barrar o acesso às Missões e ameaçar Rio Pardo; Forte Santa Tecla — por barrar o acesso às campanhas do atual Uruguai e ameaçar Rio Pardo e poder ser reforçado das Missões

que não ocorreu, pois fora muito bem suprida de gado pelo governador José Marcelino de Figueiredo. Quem se alimentou com raízes de capim foi a cavahada dos sitiante, por ter sido conservada confinada em área restrita, para não ser alvo de conquista pelo inimigo.

Em 1º de abril de 1776, após conquistados os objetivos de São Martinho e Santa Tecla, o Exército do Sul, em São José do Norte, assaltou a Vila de Rio Grande e concluiu a expulsão definitiva dos espanhóis do Rio Grande.

O General Henrique Böhn, comandante do Exército do Sul, fez as mais lisonjeiras referências ao valor militar de Rafael e seus homens. Em inspeção a Rio Pardo, assistiu a uma demonstração de travessia do rio Pardinho, pela companhia de Rafael. Eles se aproximaram do rio, repontando uma tropa bovina. A seguir, sacrificaram os bois, tiraram os seus couros, fizeram "barcos pelotas" dos mesmos e atravessaram o rio com rapidez e galhardia.

Rafael e seu Esquadrão de Voluntários d'El Rei exerceram as seguintes funções militares em benefício do Exército do Sul (1763-1777): - busca de informações nas bases espanholas de Maldonado, Montevideu, Colônia e Missões; - reconhecimentos das posições espanholas no Rio Grande, pela retaguarda e fixação de efetivos espanhóis no corte do São Gonçalo; - segurança a distância da base



Planta em couro, pirografada da Fortaleza de N.S. de Santana em Rio Grande, levantada logo a seguir à fundação de Rio Grande pelo Brigadeiro José da Silva Paes (Fonte: BENTO, História da 3ª Região Militar.vol. 1, 1994).

portuguesa do Rio Pardo e, depois de conquistada, a do Rio Grande, por vigilância na Serra do Tapes e corte do rio Piratini, na direção de Santa Tecla, reorganizada.

Ele combateu e expulsou os espanhóis da Campanha e neutralizou os fortes de Santa Tecla e São Martinho; arreou enorme quantidade de gado bovino e cavalari dos possíveis caminhos de invasão ao Rio Grande, e os depositou em Canguçu, na costa do rio Camaquã; e descobriu e explorou uma nova via de acesso ao atual Uruguai, para driblar os bloqueios das vias de acesso em Santa Tereza, Santa Tecla e São Martinho. Foi a via-de-acesso balizada, atualmente, por Canguçu – Piratini - Herval do Sul - Passo Centurion (no Rio Jaguarão) - Cerro Largo (Mello, atualmente). Em 1801, os espanhóis bloquearam-na com o Forte de Cerro Largo. E os portugueses, por volta de 1800, com as fundações de Piratini e Canguçu, como preparativos para a vitoriosa Guerra de 1801.

O VALOR MILITAR DE RAFAEL

Um contemporâneo cronista de Rafael assim o viu:

“Tornou-se uma tradição os elogios às qualidades guerreiras de Rafael. Era tão hábil em prevenir ciladas como em surpreender o inimigo, que lhe atribuía possuir incorporado um espírito benfazejo, de um nume familiar que prevenia e guiava.”

Esta era a impressão que seu nome causava em Colônia, segundo um sargento espanhol que ali chegou em 1778:

“Desembarcamos em Colônia. Apenas acabamos de acampar, recebemos ordens de marchar contra um fidalgo tremendo que vinha arrear cavalhadas. Esse fidalgo de Portugal era o coronel Rafael Pinto Bandeira. Ele trazia sempre consigo, segundo vários testemunhos, enorme contingente de negros valentes que desconheciam o medo.”

Até em Buenos Aires seu nome era uma ameaça para aquietar crianças rebeldes:

“Quieto mui querido hijo, que aí viene el temeroso Rafael Bandeira. ”

Era, portanto, uma espécie de bicho papão!

RAFAEL PINTO BANDEIRA EM 1778-89

Rafael desentendeu-se com o governador José Marcelino de Figueiredo, que o prendeu e o enviou

ao Rio. Rafael pediu um Conselho de Guerra do qual foi absolvido e mereceu a seguinte solução da Rainha, D. Maria I:

“Tendo sido presente a S. Majestade Rainha D. Maria I, acha-se no Rio de Janeiro o coronel Rafael Pinto Bandeira, remetido sob prisão pelo governador Marcelino de Figueiredo e estando gravado na lembrança da Real Senhora o distinto comportamento do referido Coronel em todo o tempo que durou a Guerra do Sul (1763-76). Hé a mesma Real Soberana servida em ordenar-lhe que mande de imediato restituí-lo livre ao Rio Grande e ao posto militar que dignamente ocupa. Determina a V.S. que depois de fazer ler esta no Conselho de Guerra, façam o encerramento dos trabalhos mandando-nos a juntada dos Autos...”

O governador do Rio Grande, Veiga Cabral, publicou a seguinte proclamação às tropas do atual Rio Grande do Sul:

“Em virtude da real resolução de S. M. Católica, foi reconduzido ao Continente e restituído ao cargo que dignamente ocupava o Coronel Rafael Pinto Bandeira, que antes fora preso e levado ao Rio de Janeiro, por exclusivo arbítrio do ex-governador José Marcelino de Figueiredo.”

Em 1784, Rafael, comandante da Legião de Cavalaria Ligeira, em Pelotas (atual), transferiu sua residência principal para Porto Alegre para assumir, em 25 de janeiro

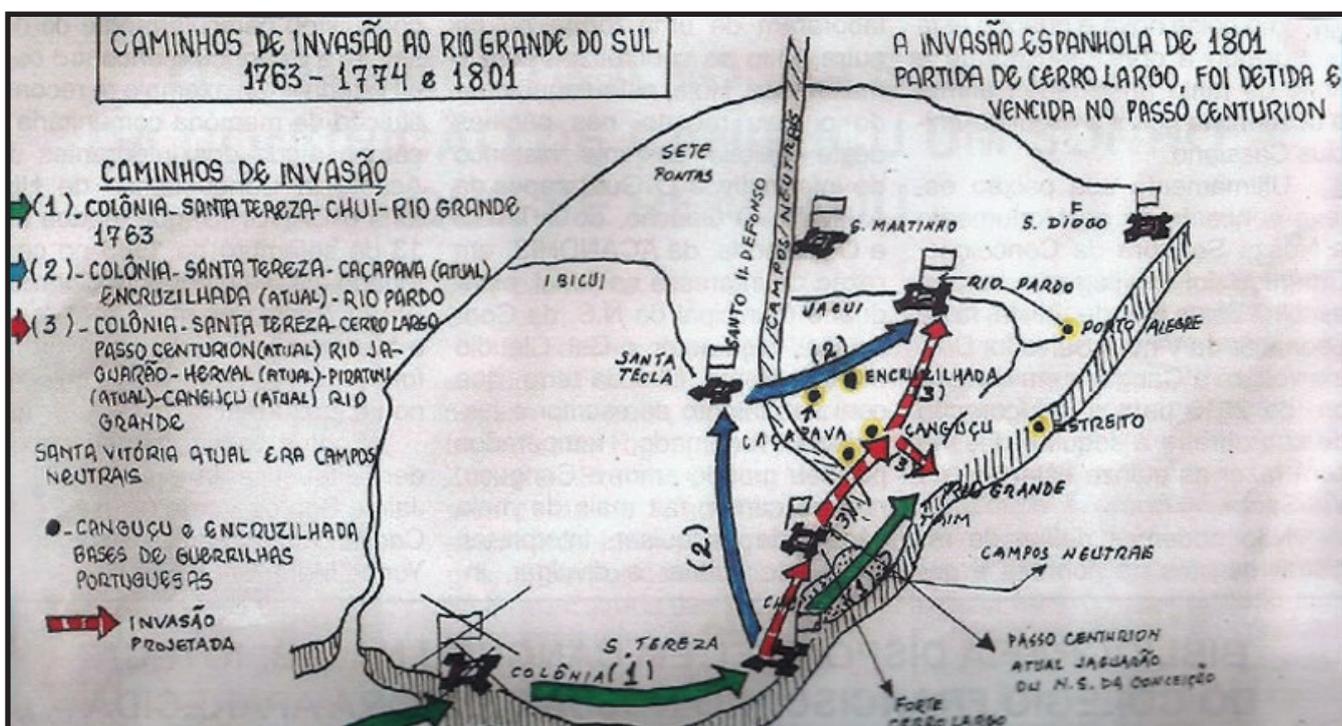
de 1784, o governo do Rio Grande, cargo que exerceu descontinua e interinamente por cerca de 8 anos e 4 meses, substituindo o governador Veiga Cabral, demarcador do Tratado de Santo Ildefonso de 1777 no Rio Grande.

VIAGEM À CORTE EM PORTUGAL

Nesse período, Rafael viajou a Portugal. A Gazeta de Lisboa, de 22 de fevereiro de 1789, assim noticiou sua chegada:

"Em 22 de janeiro, chegou, da América, a Lisboa o sr Rafael Pinto Bandeira, Coronel da Legião do Continente, que compreende o governo da Praça do Rio Grande de São Pedro, onde deu bastante prova de seu grande valor, como foi notório nesta Corte, nos anos de 1774 a 1777..."

Em Lisboa, Rafael foi recebido como herói, retratado, promovido a Brigadeiro da Legião de Cavalaria Ligeira do Rio Grande de São Pedro e confirmado em seu comando, por Decreto Real de 30 de outubro de



As bases de guerrilhas portuguesas nas serras dos Tapes (em Canguçu atual) e na Serra do Herval (em Encruzilhada atua) e divididas pelo rio Camaquã. Em vermelho, o caminho Canguçu-Passo Centurion (no rio Jaguarão)-Cerro Largo no Uruguai, usado pela guerrilha de Rafael para penetrar no atual Uruguai, evitando a vigilância das fortalezas espanholas de Santa Tereza e Santa Tecla. Por este caminho eles traziam o gado vacum e cavalar das estâncias espanholas e o depositavam em segurança em campos de Canguçu atual, conforme assinalado em mapa no livro "A Batalha do Passo do Rosário", do Gen Tasso Fragoso. Este caminho seria utilizado pelos espanhóis em sua frustrada invasão na Guerra de 1801. E como medida preventiva foi fundada em 1800 Canguçu, local em que, se conquistado, uma invasão poderia investir sobre as bases portuguesas de Rio Pardo ou Rio Grande, ou impedir a ligação e apoio mútuo entre elas FONTE: BENTO. Informativos conjuntos O GUARARAPES (da AHIMTB), O GAÚCHO (do IHTRGS) e O MEMÓRIA (da Academia Canguçuense de História) Fonte: História de N.S da Conceição, 8 Dez 2010, p.16.

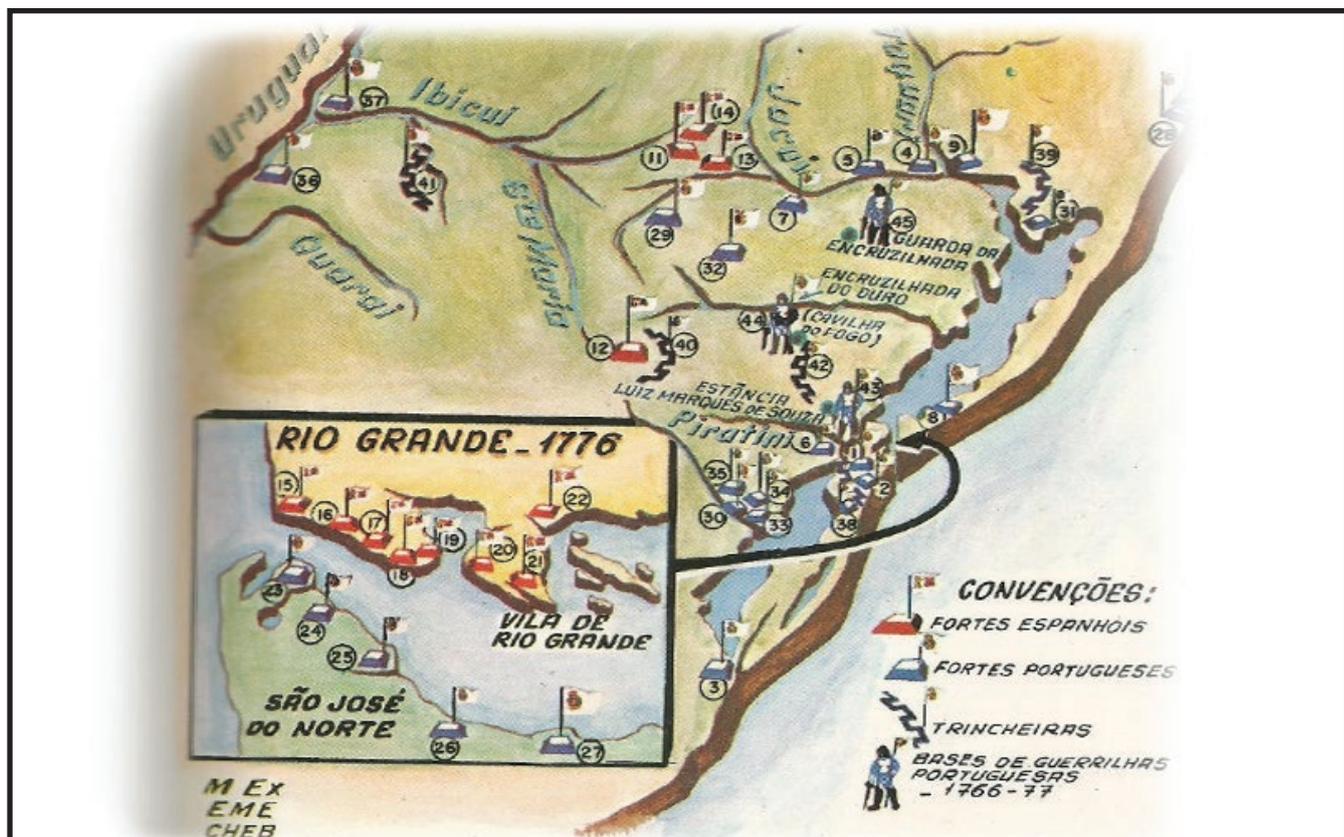
1789. Foi o terceiro brasileiro a ser elevado a oficial general do Real Exército de Portugal. O primeiro fora Matias de Albuquerque Maranhão e, o segundo, Salvador Correia de Sá e Benevides, heróis das Guerras Holandesas do Nordeste.

Segundo a tradição, Rafael recusou os títulos de nobreza de Barão de São Martinho e Visconde de Santa Tecla. Preferiu a graça de ser abonado no valor correspondente ao sustento de dois cavalos em cocheiras, para ficar em condições de deslocar-se em qualquer caso de urgência, rapidamente, para qualquer lugar do Continente. Consta que foi atendido, com a ressalva :

"De que em tempo algum outro oficial pudesse requerer semelhante graça".

Rafael, em sua estada em Portugal, engordou bastante. E a partir dos 50 anos começou, em 1790, a ter dificuldade de montar sem recorrer a um banquinho. Até então fora um cavaleiro excepcional. Criara-se nos lombos de cavalos. Certo dia, quando ia montar, ao aproximar-se do cavalo, este deu forte coice no banco que voou e o atingiu seriamente na canela direita. Os tratamentos nada resolveram. O ferimento agravou-se, a partir de seu 54º aniversário.

Mudou-se, com a família, de Porto Alegre para o Rio Grande, em fevereiro de 1795, desesperançado



Esboço do Rio Grande, na reconquista do Rio Grande do Sul, ao norte e sul do rio Camaquã, assinaladas as bases de guerrilhas portuguesas, bem como nas convenções na forma de um boneco. Fonte: BENTO: Revista Militar Brasileira, nº jan/jun 1976. 1ª capa com detalhes e na 4ª capa relacionando fortificações e bases de guerrilhas.

de cura de sua perna atingida por gangrena.

Em 6 de abril de 1795, nasceu sua segunda filha. Falecera cerca de três meses antes, aos 55 anos, aquele que foi “a maior espada do Continente”, o primeiro gaúcho a galgar o generalato, o terceiro brasileiro a receber essa distinção, o primeiro gaúcho a governar o Rio Grande do Sul e o primeiro oficial general brasileiro nascido na área do atual Comando Militar do Sul. Nasceu e morreu no Rio Grande, onde repousam seus restos mortais, na Igreja São Pedro. Sem haver frequentado escola, lia e escrevia bem. Possuía prodigiosa memória e tinha escrito, de cabeça, o mapa do Rio Grande, cujo território ele devassou, assim como o do Uruguai. O Marquês do Lavradio assim se referiu a Rafael, ao seu substituto no Vice-Reino D. Luiz de Vasconcelos:

“O Brigadeiro Rafael possuía gravado em sua memória, e com exatidão, um grande mapa de todo o Continente de São Pedro (atual RGS).”

DESCENDÊNCIA E PATRIMÔNIO DE RAFAEL

O pai de Rafael faleceu em Rio Pardo, como Coronel, em 1772, com cerca de 75 anos. Rafael havia se casado, pelo ritual minuano, em 1761, com a mestiça Bárbara Vitória, filha do cacique mestiço (branco-índio) D. Miguel de Carai, que fora capataz do seu pai. Da união, nasceu Bibiana Maria Bandeira, criada pelo pai em

razão da morte, após o parto, de Bárbara Vitória. Bibiana casou, em 1784, em Rio Grande, com o Alferes de Milícias Antonio Rodrigues Nivola, cuja descendência é desconhecida.

Rafael casou em primeiras núpcias, aos 33 anos, em Rio Pardo, com a viúva D. Maria Magdalena Pereira, com 30 anos, nascida na missão São



Alegoria da fundação de Rio Grande pelo Brigadeiro José da Silva Pais, em 17 de Fevereiro de 1737, sendo recebido por tropas de Ordenanças ao comando do Cel de Ordenanças Cristóvão Pereira de Abreu, da qual fazia parte o pai de Rafael, que seria o comandante da 1ª tropa de linha, uma companhia do Regimento de Dragões do Rio Grande, a raiz histórica mais profunda do Comando militar do Sul (Fonte: BENTO, História da 3ª Região Militar v.1).

Lourenço em 1743, e falecida em Rio Pardo, sem descendentes, em 1787, aos 44 anos. Após um ano de viuvez, casou em Rio Grande, em 6 de abril de 1788, com Josefa Eulália de Azevedo, ela com 25 anos, ele com 48. Ela era natural da Colônia de Sacramento. Desse consórcio nasceram Rafaela Pinto Bandeira, em Porto Alegre, em 30 de novembro de 1792 e falecida ali, aos 96 anos, em 1º de outubro

de 1888. Ela foi casada com o baiano de Salvador, Coronel Vicente Ferrer da Silveira, assassinado, junto com o filho Diogo, em uma estância da família, no início da Revolução Farroupilha. A Rua Coronel Vicente é homenagem ao genro de Rafael. Sua filha passou a ser conhecida, em Porto Alegre, por "Brigadeira" e a sua chácara, nas imediações da Santa Casa, de "Chácara da Brigadeira". Ela e o coronel Vicente tiveram dois filhos homens, Diogo e Vicente, e cinco filhas, as "5 Marias" (Maria Josefa, Maria Rafaela, Maria Sofia, Maria Luiza e Maria Amália). A segunda filha de Rafael, Maria Josefa Pinto Bandeira, nasceu em Rio Grande, em 6 de abril de 1795, cerca de três meses após a morte do pai. Casou em Porto Alegre com um oficial do Exército de Portugal. E para Portugal foi com o marido, perdendo o contato com a irmã, a mãe e com descendentes não conhecidos. Rafael acumulou apreciável patrimônio em cinco estâncias: Pavão, junto ao canal São Gonçalo; Estância do Passo

da Armada, no rio Camaquã; uma outra junto ao rio Capivari, abaixo de Viamão; outra junto ao rio Gravataí (herança do pai); e a das Pombas, em Rio Pardo. Nelas, acumulou cerca de 30 mil reses, 10 mil bois mansos, 4 mil cavalos e éguas, milhares de ovelhas, fora o gado alçado, além de casas em Rio Grande e Porto Alegre. Rafael era Cavaleiro da Ordem de Cristo e dominava o Tupi-Guarani. Deixou à família muita riqueza. Na época em que viveu, era considerado o mais forte estancieiro do Rio Grande.

•

CRONOLOGIA DO PERÍODO

**Luiz Ernani Caminha Giorgis,
Cel Pres. da AHIMTB/RS**

1762 - Abril: a Espanha declara guerra e invade Portugal no contexto da Guerra dos Sete Anos e do Pacto de Família na Europa. - Outubro: o general espanhol Dom Pedro de Cevallos ataca e toma a Colônia do Sacramento. O Coronel Thomás Luiz Osorio ocupa a região de angostura de Castilhos e inicia a construção da Fortaleza de Santa Teresa.

1763 - Janeiro: falecimento do Capitão-General Antônio Gomes Freire de Andrade, 1º Conde de Bobadela, no Rio. - Duas fragatas inglesas e uma portuguesa que transportavam suprimentos do Rio



O Portão das Armas do 8º Esq C Mec -
Esquadrão Rafael Pinto Bandeira,
Bairro Serraria, Porto Alegre

para Sacramento atacam a praça sem sucesso, então em poder de Cevallos (RIO BRANCO, 1999, p. 11). - Instalação do Vice-Reino do Brasil com sede no Rio de Janeiro. Fevereiro: assinado o Tratado de Paris, determinando que as conquistas territoriais de Espanha e Portugal na América fossem devolvidas. - Abril: alegando não ter recebido oficialmente a notícia do fim da guerra na Europa, Cevallos invade o Rio Grande do Sul tomando os fortes de Santa Teresa, São Miguel e a Vila de Rio Grande (RIO BRANCO, 1999, p. 208). O Coronel Osorio entrega Santa Teresa aos espanhóis

sem reação nenhuma. - Junho: a Junta Governativa do Rio de Janeiro, nas "Ordens Gerais", define o tipo de ação das tropas do sul contra os espanhóis. - Assume o governo do RS o Coronel José Custódio de Sá e Faria. - Agosto: com a paz na Europa, Cevallos recebe ordem de Madri, devolve Sacramento e retira-se com sua tropa de volta à Buenos Aires, mas mantém a posse da Vila de Rio Grande.

1767 - Maio: o Capitão José Marcelino de Figueiredo, comandando 32 embarcações, ataca os espanhóis em Rio Grande, mas fracassa. Rio Grande



Visão do Forte de Rio Pardo, que passou à História como 'A Tranqueira Invicta', por jamais ter sido ultrapassado pelas invasões espanholas. Nele Rafael ingressou no Exército Colonial com 14 anos incompletos . (Fonte: BENTO et GIORGIS. Escolas Militares de Rio Pardo, 4ª capa).

continua em posse dos espanhóis.
- Junho: cumprindo ordens de Custódio de Faria, Marcelino ataca e conquista São José do Norte aos espanhóis.

1769 - José Marcelino de Figueiredo é nomeado governador do Rio Grande de São Pedro permanecendo até 1771, quando passa o governo ao Tenente-Coronel Antônio da Veiga Andrade.

1773 - Abril: José Marcelino de Figueiredo é reconduzido ao governo do Rio Grande, governando até maio de 1780. - Novembro: o espanhol nascido no México Don Juan José de Vértiz y Salcedo invade o Rio Grande do Sul por Bagé (atual), em direção a Rio Pardo. De passagem por Bagé, manda erigir o Forte de Santa Tecla. Início da Guerra da Restauração contra os espanhóis.

1774 - Janeiro: tendo chegado até Rio Pardo, diante da manobra diversionista de José Marcelino de Figueiredo, Don Vértiz y Salcedo inicia sua retirada do território rio-grandense por Rio Grande, que continua de posse espanhola. O Marquês de Pombal determina o reforço das forças portuguesas no Rio Grande, prevendo mais enfrentamentos com os espanhóis. Neste mesmo ano, foi nomeado para organizar e comandar o Exército do

Sul o Tenente-General João Henrique Böhn.

1776 - Abril: os portugueses atacam os espanhóis e os expulsam de Rio Grande.

1777 - Fevereiro: Don Pedro de Cevallos ataca e conquista a Ilha do Desterro. - Junho: Cevallos sitia, conquista e obtém a rendição da Colônia do Sacramento. - Outubro: Tratado de Santo Ildefonso, entre Portugal e Espanha. Sacramento e as Missões passam à Espanha e a Ilha do Desterro para Portugal, que perde o direito de navegação no Prata. Fim temporário das lutas no Prata.

Notas:

O Presídio Jesus-Maria-José (atual Rio Grande) tinha o sentido de Guarnição Militar, Praça de Guerra e local fortificado defendido por gente de guerra. Aventureiros eram tropas voluntárias, no caso formadas para lutar contra os espanhóis e para guarnecer as fronteiras. Uma Companhia de Aventureiros, ao comando do pai de Rafael, apoiou a subida do Exército Demarcador, de Porto Alegre ao Passo São Lourenço. Não se constituía de gente desqualificada. Só foram extintas em 1815, por Provisão de 15 de dezembro de 1819. Figuram entre os primeiros estancieiros do Rio Grande.

Referências Bibliográficas:

A presente interpretação baseou-se na pesquisa das seguintes fontes, que remetem o leitor e pesquisador a outras:

BENTO, Cláudio Moreira, Coronel. **A Guerra do Sul 1763-77. História da 3ª RM e Antecedentes; 1808-89** Porto Alegre: SENAI, 1995. v. 1 pp. 102-131.

(____). **A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul 1774-77.** Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1996. (Possui dados inéditos sobre Rafael visto pelo General Bohn).

(____). **O Negro na Guerra do Sul 1763-77 In: O Negro e Descendentes na Sociedade do RGS.** Porto Alegre: IEL, 1975. pp.76-92.

(____) **O Exército e a Abolição.** Rio de Janeiro: A Defesa Nacional, nº 243, maio/junho de 1989.

(____). **Bicentenário da Conquista de São Martinho.** Rio de Janeiro: A Defesa Nacional, nº 663, 1975 e Revista do Exército, v. 108, 1975.

(____) **A Guerra à Gaúcha.** Porto Alegre: Revista do CIPEL, Dimensão, p.127-134.

(____). **Bicentenário da Conquista de Santa Tecla.** RIGHMB, nº 72 e 73, 1976, Diário Popular, Pelotas, 28 de março de 1976 e Correio do Sul, Bagé, 25 de março de 1976.

(____). **Atuação de Rafael Pinto Bandeira na Conquista do Forte Santa Tecla.** Bagé: Correio do Sul, 24 Mar 1970.

CRUZ, Alcides. **Vida de Rafael Pinto Bandeira.** Porto Alegre: Liv. Americana, 1906.

NEVES, Décio Vignoli das. **Rafael Pinto Bandeira: O Terror dos Espanhóis**

In: **Vultos do Rio Grande Cidade e do Município.** Santa Maria: Ed. Pallotti, 1891, pp. 17-40. Revista do Museu e Arquivo Público RGS. nº 23, junho de 1930 (publica o Conselho de Guerra pedido e respondido por Rafael com absolvição).



A partir da esquerda: Cel Luiz Ernani Giorgis Caminha, Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHTRGS, F. G. Dillenburg, Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis e Cel Cláudio Moreira Bento, em cerimônia de posse da FAHIMTB, 16 de setembro de 2013.

Sobre o Autor: O Cel **Cláudio Moreira Bento** é Historiador Militar e Jornalista. Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e da AHIMTB/Resende Marechal Mário Travassos, do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS), presidente Emérito fundador das Academias Resendense (ARDHIS) e Itatiaense (ACIDHIS) de História, acadêmico fundador da Academia Barra-mansense de História (ABH), correspondente do Instituto de Estudos Vale paraibanos (IEV), em Itatiaia, sócio dos institutos Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) e do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS).



AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

